

NERDCAST RPG COLEÇÃO CTHULHU

PRÉVIA DO ROMANCE

por Leonel Caldela

ERA O FIM DO VERÃO, e foi isso que nos impulsionou através das Montanhas Wasatch. Perdemos muito tempo tentando encontrar um ponto de passagem. Alguns homens avançaram a cavalo para fazer o reconhecimento. Todos viam como era absurdo ter de recorrer a isso quando teoricamente havia uma descrição do caminho, mas àquela altura era tarde para voltar atrás. Já havíamos deixado a Trilha do Oregon há tempo suficiente para que o mês adicional que ela acarretaria nos condenasse. Mas enfim descobrimos um ponto entre as montanhas por onde nossas carroças poderiam passar e por ali seguimos.

O terreno era acidentado, pedregoso e alagado. Estávamos no Echo Canyon, um espaço imenso no meio da cordilheira. Havia estradas de ferro que atravessavam o cânion, e vez por outra avistamos trens. Era como uma provocação: eles zuniam numa velocidade tentadora, prometiam conforto e um pouco de descanso, enquanto nós progredíamos lentamente, sob o sol e com os pés enfiados na água, por um emaranhado de gargantas, água rasa e vegetação rasteira.



A trilha subiu e desceu entre as montanhas. O progresso dois bois foi lento e um deles quebrou uma pata. É claro que teve de ser sacrificado, mas pelo menos isso nos garantiu carne para mais uma parte da viagem.

Javier era um dos que mais sofria. Seu físico não fora feito para aquele tipo de esforço e a jornada ameaçava exauri-lo até a morte. O orgulho de meu pupilo era um risco ainda maior que o terreno traiçoeiro, porque ele não admitia demonstrar fraqueza e não aceitava uma quantidade de trabalho menor que a do mais forte dos sobreviventes. Ele estava tentando ajudar a limpar o terreno à frente, removendo alguns pedregulhos para que as carroças passassem, quando o interpelei. Foi apenas com uma ordem que ele desistiu de erguer uma pedra quase do tamanho de seu tronco para me dar atenção.

Javier andou alguns passos até mim e teve que se segurar em meu ombro. Piscou diversas vezes para se orientar melhor. A paisagem a nossa volta era estonteante, uma cordilheira vasta com topos que pareciam algodão. Quase me fazia duvidar do caos inerente ao mundo. Mas Javier, como sempre, estava carrancudo.

— Você não é um trabalhador braçal — eu disse. — Está aqui para guiá-los, não para levantar pedras.

— O senhor me acusa de soberba, mas não admite que eu faça o mesmo trabalho de nosso rebanho.

— O excesso de humildade pode ser uma forma de soberba, Javier. Aquele que se diz o mais humilde dos homens está se colocando acima dos demais.

— Peço perdão, Padre Tobias, mas não entendo o que é esperado de mim. Viemos a este país para um exorcismo e há meses mal tocamos no assunto. Quando exalto o sacrifício em nome do próximo sou repreendido. Quando tento salvar uma vida sou repreendido. Quando me ateno ao trabalho espiritual estou errado, e também quando me resigno ao trabalho braçal. Por que vim até aqui?

Ainda não era hora de falar.



Mas será que um dia a hora chegaria?

— Você está aqui para me ajudar no exorcismo, Javier. E acredite, por mais que só tenhamos nos distanciado durante esta viagem, cada uma de suas ações me mostra que você foi a escolha certa.

— Mas deve haver algo fundamentalmente errado, ou haveria entre nós amizade e compreensão.

Suspirei.

— Sim, Javier, há algo errado. É seu fanatismo, meu filho.

O jovem padre forçou a mandíbula. O vinco entre suas sobrancelhas ficou ainda mais profundo.

— Não sou um fanático. Sigo a verdade.

— A verdade é mais profunda do que imaginamos. Foi para isso que o trouxe. Para que você compreenda a verdade.

— A verdade está na Bíblia.

Minha impaciência ameaçou aflorar, ameaçou se transformar em raiva. Não havia mais ninguém na caravana que pudesse cumprir o destino de Javier após a partida de Bobby Fletch, mas tive vontade de matá-lo.

— A Bíblia não é literal, Javier — falei. Era, na melhor das hipóteses, uma meia verdade, mas era um começo. — A Bíblia nos foi deixada não para que a aceitássemos como algo transparente, mas para que a estudássemos.

— Isso soa como a ladainha de quem procura justificativas para a transgressão.

— Ouça o que está dizendo. Existe algo grandioso no mundo que revele seu valor sem esforço? Por acaso Deus se revelou a você sem que precisasse meditar, rezar, ler? O mesmo vale para a verdade. Precisamos interpretar o que está na Bíblia. Precisamos interpretar o mundo, precisamos interpretar o que é o próprio Reino de Deus.

Eu estava chegando mais perto e ainda não o havia perdido.

— Isso faz sentido, Javier?



Ele ficou mudo por um segundo.

— Faz — respondeu, por fim.

— Então deixe que eu o ajude a entender algo mais profundo que a mera interpretação literal e a repetição dos Salmos. Você tem um potencial muito grande, meu discípulo. Um potencial para enfrentar o mal. O mal verdadeiro. Permita que eu o guie.

Javier não quis demonstrar, mas seus olhos brilharam com minhas palavras. Ele engoliu em seco.

— Todos estamos aqui para enfrentar o mal — ele desconversou.

— Não é verdade. Você sabe que não é verdade. A Igreja fala sobre espalhar o amor e a Palavra de Deus, mas você sempre sentiu que havia algo além, não é? Desde que ouvia a missa sem entender as palavras em latim, desde o seminário, você sempre suspeitou de que havia um lado combativo na vocação, não é? Por isso luta contra mim, contra qualquer um que contradiga seu humor num momento específico. Porque você quer lutar contra o mal verdadeiro e ele está oculto.

— A caridade...

— Foda-se a caridade, Javier Francisco Azaghal. Somos soldados.

A palavra o deixou em choque, mas ele mal conseguiu conter um sorriso. Não porque gostasse da obscenidade; acho que nunca ouvi Javier falar nada que não pudesse ser dito na frente do próprio Papa. Ele sorriu porque eu estava indo direto ao ponto. Eu estava sugerindo uma teologia da guerra, como em séculos passados. Estava sugerindo a existência de um inimigo claro que podia ser atacado com ferocidade.

— O senhor está falando do exorcismo? — ele perguntou, tentando conter o entusiasmo.

— O exorcismo é só uma parte do combate maior.

O mundo pareceu se fechar a nosso redor. Não havia montanhas, nem céu, nem mesmo a caravana. Só a verdade.

— De onde acha que vêm os demônios que assolam as pobres almas que libertamos? — sussurrei.



— Do inferno — ele respondeu, como uma criança.

— Você pode chamar isso de inferno — falei. — Outras culturas têm outros nomes para o mesmo conceito. O mesmo lugar.

Ele deu um passo para trás, mas ainda estava interessado.

— E por que os demônios nos atormentam mas os anjos não nos protegem? — provoquei. — Onde eles estão?

— O senhor está entrando em território herege!

— E se eu dissesse que não existe o Céu, Javier... Mas existe o inferno?

Para ler a história completa
(e muito mais!) participe da campanha
NERDCAST RPG: COLEÇÃO CTHULHU!

